ISSN: 2358-8829

CULTURAS, HISTÓRIAS E LITERATURAS INDÍGENAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA INVESTIGAÇÃO CRÍTICA SOB UMA PERSPECTIVA INTER E TRANSDISCIPLINAR

Camile Bianca Cruz de Souza [1]
Valméria Brito Almeida Vilela Ferreira [2]

INTRODUÇÃO

A sala de aula constitui um espaço de construção do conhecimento por meio das interações sociais, no qual a língua desempenha um papel fundamental na relação entre os sujeitos e o mundo. Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa pode articular as práticas de linguagem às discussões sobre diversidade cultural, línguas e histórias. Sob esse viés, a Lei nº 11.645/2008 tornou obrigatório o ensino das histórias e das culturas afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino, reforçando a necessidade de problematizar visões eurocêntricas e representações que contribuem para a invisibilização dos povos originários.

Levando em consideração o que foi dito, nosso interesse pela temática relaciona-se às experiências vivenciadas durante a observação de aulas de Língua Portuguesa em uma escola pública, quando percebemos a necessidade de ampliar as discussões sobre os povos indígenas no contexto escolar. Assim, essas experiências nos levaram a refletir sobre o apagamento histórico e cultural desses povos e sobre as possibilidades de desenvolver um ensino de Língua Portuguesa mais crítico, que valoriza diferentes formas de produzir conhecimento e interpretar a realidade.

Diante disso, este artigo tem como objetivo geral analisar as contribuições de uma intervenção pedagógica, organizada por meio de uma sequência didática fundamentada nos gêneros discursivos, na cultura e na interdisciplinaridade, para a abordagem das temáticas indígenas no ensino médio de uma escola pública de Vitória da Conquista (BA). Como objetivos específicos, buscamos: (i) compreender as possibilidades da sequência didática na promoção de um ensino de Língua Portuguesa crítico e interdisciplinar, articulado às temáticas indígenas; (ii) discutir as contribuições dos gêneros discursivos, dos relatos orais e

[1] Graduanda do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, camilebiancacruz@gmail.com.
[2] Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, valmeria.brito@uesb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

da literatura indígena para a abordagem dessas temáticas; e (iii) analisar as interpretações e produções dos estudantes, considerando as possibilidades de construção de leituras críticas sobre as relações entre linguagem, cultura, território e identidade.

Sob essa ótica, a discussão fundamenta-se nos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), principalmente as concepções de língua e gêneros do discurso (Bakhtin, 2015) e signo ideológico (Volochinov, 2017). Abordamos também estudos sobre cultura de Freire (1982) e Tylor (1871), e a pesquisa de Krenak (2024) sobre as relações entre os seres humanos e os saberes na sala de aula. Metodologicamente, adotamos uma abordagem qualitativa e os dados foram gerados durante uma intervenção pedagógica, organizada por meio de uma Sequência Didática (SD) com atividades de leitura, discussão e produção textual, articulando imagens, e relatos orais às histórias e às culturas indígena, com destaque para a memória local de Vitória da Conquista.

Os resultados evidenciam possibilidades de articulação entre linguagens, histórias e literaturas indígenas. As discussões sobre monumentos, narrativas da colonização e o topônimo Vitória da Conquista favoreceram questionamentos sobre as representações dos povos indígenas, enquanto a leitura literária e a produção poética dos estudantes permitiram abordar resistência, pertencimento, territórios e identidades. Assim, essas experiências evidenciaram a necessidade de questionar os silenciamentos da história indígena e reconhecer os saberes desses povos no ensino de Língua Portuguesa.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e caráter descritivo-interpretativo, com inspiração etnográfica. O estudo foi desenvolvido em uma escola pública da rede estadual de ensino de Vitória da Conquista – BA, com uma turma de 20 estudantes do 3º ano do Ensino Médio. O percurso investigativo compreendeu duas etapas: as observações preliminares, realizadas no período de abril a junho de 2025, e a aplicação de uma sequência didática, acompanhada de oficinas pedagógicas, nos meses de setembro e outubro do mesmo ano.

A intervenção pedagógica pautou-se na exploração de diferentes gêneros discursivos, com o propósito de analisar a língua em uso a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula. Nesse percurso, foram mobilizados relatos orais transcritos de descendentes de

ISSN: 2358-8829

comunidades indígenas locais, vinculados ao Ribeirão dos Paneleiros[3], a leitura de monumentos urbanos, a discussão de mitos e verdades sobre os povos originários e o poema *Resistência Indígena*, de Márcia Kambeba.

Para a constituição do *corpus* analítico, foram utilizados os seguintes instrumentos e procedimentos de geração de dados: i) aplicação de questionário diagnóstico inicial, destinado a identificar as concepções prévias dos estudantes; ii) observação participante das aulas de Língua Portuguesa, registrada em diário de campo; iii) gravação em áudio e transcrição das interações e discussões realizadas em sala de aula; e iv) coleta das produções discursivas e poéticas elaboradas pelos estudantes durante as dinâmicas e oficinas pedagógicas.

O tratamento do material empírico fundamentou-se nos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), com atenção aos enunciados concretos e às interações verbais produzidas no contexto da intervenção.

REFERENCIAL TEÓRICO

- **O papel dos gêneros discursivos na discussão da temática indígena**

Considerando que a sala de aula é um espaço de construção do conhecimento por meio das interações entre os sujeitos, a língua ocupa um lugar fundamental nesse processo. É nas relações estabelecidas entre professor e aluno, assim como nas diferentes situações de comunicação que constituem a vida escolar. Para compreender essa dimensão social da língua, recorremos às contribuições do filósofo russo Mikhail Bakhtin, cuja perspectiva permite pensar a língua a partir das relações que os sujeitos estabelecem entre si e com o mundo. Em *Estética da Criação Verbal* (2015), o autor compreende a língua como um fenômeno social, perspectiva expressa ao afirmar que "todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua" (Bakhtin, 2015, p. 279). Essa asserção situa o uso da língua nas diferentes atividades humanas, nas quais os enunciados são produzidos em função das condições e dos propósitos de cada situação comunicativa.

[3] A comunidade Ribeirão dos Paneleiros, localizado na zona rural de Vitória da Conquista (BA), está associado à história de comunidades tradicionais da região, cujas memórias remetem à ancestralidade indígena, especialmente às relações históricas com os povos Pataxós, Mongoiós e Imborés. A localidade integra o território tradicional dos Paneleiros, Batalha e Lagoa do Arroz, cuja história está relacionada aos processos de ocupação, resistência e permanência dessas populações.

ISSN: 2358-8829

Nesse contexto, inserem-se os gêneros do discurso, entendidos por Bakhtin (2015) como tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados nas diferentes esferas de utilização da língua. Assim, para caracterizar os gêneros do discurso, Bakhtin (2015, p. 280) destaca três elementos constitutivos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Desse modo, embora possam ser examinados separadamente para fins de análise, esses elementos encontram-se articulados na constituição do enunciado e são marcados pelas especificidades de cada esfera de comunicação (Bakhtin, 2015, p. 280).

Vale ressaltar que essa discussão assume particular importância para esta investigação, que busca compreender as contribuições do trabalho com temáticas indígenas nas práticas pedagógicas de Língua Portuguesa. Logo, a escolha dos gêneros discursivos para o trabalho em sala de aula envolve aspectos linguísticos e estruturais dos textos, os conteúdos abordados, as vozes que neles se manifestam e as representações sociais construídas e colocadas em circulação.

Ao abordar enunciados relacionados aos povos indígenas, suas histórias, culturas, línguas e experiências, o professor pode promover discussões sobre as representações construídas historicamente acerca desses povos, considerando as relações de poder que atravessam a produção e a circulação dos discursos. Sob essa perspectiva, o trabalho com diferentes enunciados permite problematizar discursos que apresentam os povos indígenas de maneira homogênea, desconsiderando suas particularidades históricas, culturais e linguísticas. Assim, a noção sobre os gêneros discursivos oferece fundamentos para examinar as escolhas realizadas na prática pedagógica e as questões que orientaram o trabalho desenvolvido com as temáticas indígenas.

- **O conceito de cultura e a sua importância para um ensino crítico de língua portuguesa**

A Lei nº 11.645/2008 constitui um marco para o reconhecimento da diversidade étnico-cultural brasileira no espaço escolar. Perante o exposto, compreender o conceito de cultura torna-se fundamental para discutir as possibilidades de abordagem das histórias e culturas indígenas no ensino de Língua Portuguesa.

Para fundamentar essa discussão, recorremos a diferentes perspectivas teóricas que permitem compreender a cultura em sua relação com as práticas sociais, os conhecimentos e as formas de expressão dos povos. Uma das definições que orientam esta reflexão é a do antropólogo britânico Edward Tylor, apresentada na obra *Primitive Culture* (1871), na qual a

ISSN: 2358-8829

cultura é compreendida em sentido amplo, como um conjunto complexo de conhecimentos, crenças, manifestações artísticas, costumes e hábitos adquiridos pelos indivíduos como membros de uma sociedade. Essa definição contribui para ampliar a compreensão da cultura para além das manifestações artísticas, relacionando-a às diferentes dimensões da vida social.

Contudo, para esta pesquisa, é importante avançar na discussão e considerar que as culturas não são apenas conjuntos de práticas e conhecimentos compartilhados, pois seu reconhecimento também está relacionado a disputas históricas e relações de poder. Então, embora todos os povos produzam conhecimentos e desenvolvam formas próprias de compreender e significar o mundo, nem todas essas produções receberam a mesma legitimidade social. No contexto colonial, a imposição de determinadas referências culturais esteve associada à desqualificação dos saberes, das histórias e das identidades dos povos colonizados.

Nesse liame, essa dimensão política da cultura encontra respaldo nas reflexões de Freire (1982), na qual o autor relaciona cultura, história e identidade. Logo, embora discuta a experiência colonial a partir da realidade dos povos africanos, suas reflexões permitem estabelecer aproximações com os processos históricos de colonização dos povos indígenas no Brasil, sobretudo no que diz respeito à negação de suas culturas e ao apagamento de suas histórias. Sobre essa questão, Freire (1982) afirma:

> Os colonialistas diziam que somente eles tinham cultura. Diziam que antes da sua chegada à África nós não tínhamos História. Que a nossa História começou com a sua vinda. Estas afirmações são falsas, são mentirosas. Eram afirmações necessárias à prática espoliadora que exerciam sobre nós. Para prolongar ao máximo a nossa exploração econômica, eles precisavam tentar a destruição da nossa identidade cultural, negando a nossa cultura e a nossa História. Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do povo é cultura. A música do povo é cultura, como cultura é também a forma como o povo cultiva a terra. [...] Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do povo ao ritmo dos tambores (Freire,1982,p.42).

À vista disso, ao reconhecer que todos os povos produzem cultura ao transformar o mundo e estabelecer relações com ele, o autor se contrapõe à ideia de que apenas determinados grupos seriam detentores de conhecimentos e manifestações culturais legítimos. Nesse viés, é relevante pensar a presença das culturas indígenas na escola, considerando que a história desses povos foi frequentemente apresentada a partir de perspectivas externas, que desconsideram suas experiências, seus conhecimentos e suas próprias formas de narrar o mundo.

ISSN: 2358-8829

Nesse contexto, a abordagem das culturas indígenas no ensino de Língua Portuguesa não deve se limitar à apresentação de informações históricas ou à discussão das violências sofridas por esses povos. Embora a denúncia das violações de direitos seja necessária, limitar suas representações a esse aspecto pode contribuir para a manutenção de uma visão parcial de suas experiências. Dessa maneira, é preciso reconhecer também suas produções intelectuais, artísticas e literárias, bem como os conhecimentos que elaboram e compartilham em suas comunidades.

Portanto, as contribuições de Tylor (1871) e Freire (1982) permitem compreender a cultura tanto em sua relação com as práticas sociais quanto em sua dimensão histórica e política. Essa discussão não constitui um conteúdo alheio ao ensino da língua, mas uma possibilidade de compreender como os sujeitos produzem significados, compartilham conhecimentos e constroem suas identidades por meio das práticas de linguagem.

Essa relação entre língua e cultura é discutida por Antunes (2009, p. 23), para quem "linguagem, língua e cultura são realidades indissociáveis". A autora também compreende a língua como um ponto de encontro com os antepassados e com aqueles que participam da construção da história dos sujeitos, ressaltando sua relação com a memória coletiva (Antunes, 2009). Desse modo, trabalhar com produções culturais indígenas permite aproximar o ensino da língua das diferentes formas de interpretar e expressar o mundo, ampliando as referências dos estudantes e favorecendo o questionamento de representações historicamente consolidadas. Diante dessas considerações, a seção seguinte discute possibilidades de articulação das temáticas indígenas ao ensino de Língua Portuguesa, considerando uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar.

- **Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino de Língua Portuguesa**

A abordagem das temáticas indígenas no ensino de Língua Portuguesa requer práticas pedagógicas que articulem diferentes conhecimentos e experiências sociais. Nessa perspectiva, Bunzen e Mendonça (2006) destacam a importância da interdisciplinaridade para a construção do conhecimento crítico e ressaltam que a transversalidade permite abordar temas que perpassam as diferentes áreas do currículo, articulando seus objetivos, conteúdos e orientações didáticas.

No contexto desta pesquisa, essa articulação possibilita trabalhar as histórias e culturas indígenas a partir de temas como ancestralidade, literatura, memória e resistência. Em Vitória da Conquista, essa abordagem também permite problematizar a invisibilização dos povos

ISSN: 2358-8829

indígenas nos espaços escolares e refletir sobre os processos históricos de apagamento de suas experiências e saberes, visto que o território onde a cidade foi fundada, no século XVIII, foi palco de conflitos violentos entre os colonizadores portugueses e os povos indígenas que ali habitavam, especialmente os Mongoiós, os Imborés e os Pataxós, cujas histórias foram marcadas pela resistência à ocupação de seus territórios.

Essa discussão relaciona-se ao pensamento de Krenak (2024), que destaca a importância da memória coletiva e da ancestralidade nos processos educativos. Em entrevista concedida durante o Festival LED, o pensador indígena afirma:

> A educação acontece em outro plano, na identidade, na hereditariedade, no parentesco, na herança ancestral. [...] O primeiro dia de aula sempre deveria ser lembrar até onde conseguem: avô, bisavô, tataravô. Se perdermos isso, deixamos de ser humanidade e viramos zumbis andando pelo mundo sem direção (Krenak, 2024, p. 53).

Diante disso, a reflexão de Krenak amplia o debate sobre as relações entre os conhecimentos escolares e as experiências culturais e sociais dos estudantes, sobretudo quando essas discussões dialogam com a história e a constituição da identidade conquistense. Essa aproximação permite reconhecer a presença indígena na formação histórica e cultural de Vitória da Conquista, integrando suas memórias, saberes e experiências às práticas educativas, ao invés de restringi-los a conteúdos isolados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inspirando-nos na concepção de horizontalização[4] proposta por Cerutti-Rizzatti e Pedralli (2013, p. 50), construímos uma sequência didática (SD) a qual buscou ampliar os conhecimentos dos alunos acerca de alguma das histórias, literaturas e culturas dos povos indígenas, nas aulas de Língua Portuguesa. Para isso, articulamos gêneros discursivos, história local e literatura indígena, tendo a transversalidade e a interdisciplinaridade como princípios orientadores. A seguir, descrevemos brevemente dois encontros realizados na escola, que foram realizados numa turma de ensino médio de uma escola pública no sudoeste baiano. Nessa descrição, os estudantes foram identificados por códigos alfanuméricos, de A1 a A20, a fim de preservar suas identidades.

[4] O conceito de "horizontalização", de Cerutti-Rizzatti e Pedralli (2013, p. 50), orientou a sequência didática na valorização de diferentes perspectivas sobre os usos da língua, especialmente da escrita: "não para o centro nem para as margens, mas para o horizonte que se amplifica nas possibilidades de coexistência no infinito de diferentes modos de ver os usos da língua".

ISSN: 2358-8829

O primeiro encontro teve como ponto de partida a apresentação do contexto histórico de Vitória da Conquista. Para isso, foram apresentados relatos orais da comunidade do Ribeirão dos Paneleiros, coletados por Oliveira (2012), que narram episódios de violência colonial, incluindo a tentativa de envenenamento das águas dos rios e o assassinato de uma criança indígena. Vale destacar que a leitura provocou indignação entre os estudantes que questionaram a violência praticada contra crianças e associaram os acontecimentos históricos relatados na aula com a exploração contemporânea dos territórios indígenas, mencionando a mineração e a invasão de terras.

A discussão avançou para a análise do topônimo Vitória da Conquista, compreendido como um signo ideológico cujos sentidos podem ser relacionados às narrativas históricas de colonização. Assim sendo, o topônimo, bem como os gêneros discursivos discutidos em sala de aula, quando analisados à luz de Volochinov (2017), revelam-se como portadores de ideologias e valores que refletem e refratam a realidade, por isso, não podemos vê-los de forma neutra e apartados do contexto social. Ademais, nos minutos finais do primeiro encontro, realizamos a dinâmica "Mito ou Verdade?", com enunciados acompanhados de imagens, reportagens e vídeos. De modo geral, a dinâmica permitiu identificar conhecimentos prévios, e estereótipos dos alunos acerca dos povos indígenas.

O segundo encontro foi dedicado à leitura do poema *Resistência Indígena*, de Márcia Kambeba. A escolha da obra permitiu retomar as discussões sobre colonização, memória e resistência por meio da literatura indígena. Além disso, a atividade possibilitou reconhecer a produção literária indígena como espaço de expressão de experiências e identidades, ampliando o repertório dos estudantes para além de representações estereotipadas. Na sequência, realizamos a dinâmica "Vozes da Terra", na qual os estudantes assumiram diferentes vozes para representar rios, florestas, o ar, cuidadores da terra e grandes empresários. A partir dessas representações, foram convidados a construir posicionamentos e elaborar textos relacionados às discussões realizadas em sala de aula. A atividade constituiu a culminância do percurso desenvolvido, proporcionando aos estudantes a oportunidade de expressar, por meio da oralidade e da produção textual, as reflexões construídas ao longo das aulas. Como resultado da atividade, o grupo denominado "Cuidadores da Terra" produziu o seguinte poema:

Quadro I- Poema elaborado pelos alunos

"Somos cuidadores da terra. Mas que terra? Se quando os brancos chegou, a paz acabou, ficou apenas guerra. Feras. Nos chamam de selvagem, mas trazem armas, doenças e venenos

ISSN: 2358-8829

para um conflito de flechas? Séculos se passaram e ainda resistimos, somos cuidadores da terra, artistas e professores, somos cuidadores da terra lutando para ter uma terra e, no meio de séculos de confusão, somos o Brasil.”

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

A nosso ver, o poema exposto no quadro acima aborda questões discutidas ao longo da Sequência Didática, articulando as temáticas desenvolvidas em sala de aula. Na pergunta inicial do poema— “Mas que terra?” — os discentes estabelecem uma tensão entre o cuidado ambiental e a luta pelo acesso à terra. Nos versos subsequentes, a oposição entre aqueles chamados de “selvagens” e os que trazem armas questiona representações historicamente atribuídas aos povos indígenas, enquanto a afirmação de que são “artistas e professores” amplifica as possibilidades de representação desses sujeitos para além dos estereótipos. Por fim, o verso “somos o Brasil” relaciona a resistência indígena à própria constituição da identidade nacional.

Como pode ser visto, essa produção textual dos alunos revela a apropriação de questões trabalhadas nas aulas e sua reelaboração em um poema autoral. Dessa forma, a atividade didática proposta dialoga com Bakhtin (2015), Antunes (2009); Bunzen e Mendonça (2006), ao valorizar a relação entre língua e ensino como práticas sociais de produção de sentidos.

Os resultados dessa SD revelam possibilidades pedagógicas da articulação entre gêneros discursivos, cultura e conhecimentos de diferentes áreas no ensino de Língua Portuguesa. A análise dos monumentos, a leitura dos relatos orais, a problematização do topônimo, as discussões sobre estereótipos, as literaturas indígenas e a produção autoral dos estudantes constituíram diferentes caminhos para questionar narrativas hegemônicas e ampliar as perspectivas de interpretação da presença indígena em Vitória da Conquista

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência evidenciou as possibilidades da Sequência Didática como ferramenta para articular gêneros discursivos, cultura e interdisciplinaridade no ensino de Língua Portuguesa, promovendo discussões sobre as histórias e culturas indígenas, a memória local e as relações entre território, identidade e resistência. Os resultados dialogam com a perspectiva de Freire (1982) sobre a leitura crítica do mundo e com a concepção bakhtiniana da linguagem como prática social, reforçando a importância de propostas pedagógicas que

ISSN: 2358-8829

problematizem representações históricas e valorizem diferentes formas de produzir conhecimento.

Apesar das limitações de tempo, a intervenção possibilitou discutir as histórias e culturas indígenas para além das representações que frequentemente as reduzem ao passado ou as associam a estereótipos. Ao abordar a presença indígena na história de Vitória da Conquista, as narrativas do Ribeirão dos Paneleiros e a literatura indígena, buscamos reconhecer esses povos como sujeitos históricos que resistem, produzem conhecimentos e reivindicam seus territórios e direitos. A produção poética dos estudantes também evidenciou possibilidades de refletir sobre essas questões por meio da linguagem. Assim, reafirmamos a importância de um ensino de Língua Portuguesa que reconheça a presença indígena na constituição da sociedade brasileira e contribua para questionar os silenciamentos históricos que ainda atravessam as práticas escolares.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, Histórias, Culturas e Literaturas Indígenas, Interculturalidade.

AGRADECIMENTOS

Aos povos indígenas Mongoiós, Imborés e Pataxós, cujas histórias, memórias e existências também constituem a história de Vitória da Conquista, dedico minha homenagem e meu respeito.

À minha bisavó Alzira, cujas memórias fragmentadas sobre a descendência de nossa família despertaram em mim o interesse por esta pesquisa. À minha avó Vailda, que conta com orgulho a todos que estudo para ser escritora e, com suas palavras, alimenta em mim o desejo de seguir escrevendo. À minha avó Lucinha, por seu amor e carinho de sempre.

À minha mãe, que sustentou tanto, de tantas maneiras, para que eu pudesse chegar até aqui. Ao meu pai, por fazer parte da minha história e também fazer parte dessa conquista. Às minhas tias Thaize, Tainara e Loirinha, pela ajuda, pelo apoio e por se fazerem presentes ao longo dessa caminhada.

À Valméria, minha orientadora, que tornou minha trajetória na universidade menos solitária e me mostrou que também podemos encontrar, pelo caminho, pessoas que cuidam de nós. À Rebeca, minha pessoa — mesmo sem nunca ter assistido a *Grey's Anatomy* para compreender a referência —, pelas conversas-terapias durante o processo de escrita.

À Bela, à Bia, à Zaria, à Ester, à Lívia e, novamente, à Rebeca, por compartilharem comigo a experiência do CONEDU, levo comigo a alegria de ter vivido tudo isso ao lado de vocês.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: uma outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. P.85-87

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www2.camara.leg.br/] Acesso em: 4 jun. 2025.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação de professores.** 3. ed. Brasília: Parábola Editorial, 2006.

CERUTTI-RIZZATTI, M. E.; PEDRALLI, R.; PEREIRA, H. M. **A escrita na escola: um estudo sobre conflitos e encontros.** Revista do GEL, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 35-64, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 4).

KRENAK, Ailton; OLIVEIRA, Flávia. **Educação aqui e agora: criando novos mundos com Ailton Krenak**. Entrevista concedida no Festival LED 2024. O Globo, Rio de Janeiro, 23 jun. 2024. Disponível em:[https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/festival-led/noticia/2024/06/23/festival-led-encerra-terceira-edicao-reunindo-todas-as-idades.ghtml] Acesso em: 25 maio 2025.

TYLOR, Edward Burnett. The science of culture. In: TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom.** Cambridge: Cambridge University Press, 1871.

ISSN: 2358-8829

VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2017. Cap. 5, 6 e 7.